

---

<http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2014v1n33p343>

Ricoeur, P. *Sobre a tradução*. Tradução de Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011. 71 p.

---

Steiner em *Depois de Babel* (1975), no capítulo “As demandas da teoria”, afirma que os estudos sobre teoria, prática e história da tradução estão ancorados em quatro grandes grupos. O primeiro, “no qual análises e pronunciamentos seminais brotam diretamente do empreendimento do tradutor” (2005, p. 259), vai de Cícero a Hölderlin (1804); o segundo, “marcado pela teoria e a investigação hermenêutica” (2005, p. 260), começa com Tytler e Schleiermacher e vai até Valery Larbaud, passando por outros importantes nomes como A.W. Schlegel e Humboldt, Goethe, Pound, Croce, Walter Benjamin etc; o terceiro é o período do contexto moderno, ou seja, da tradução automática,

da aplicação da teoria linguística e estatística à tradução, que se desenvolve, grosso modo, entre os anos 40 a 60 do século XX; o quarto, e último grupo, pode ser caracterizado por “um retorno à hermenêutica, a investigações quase metafísicas sobre tradução e interpretação” (2005, p. 261).

Na classificação proposta por Steiner, as reflexões do autor objeto desta resenha, Paul Ricoeur, se “encaixam” no período marcado pela teoria e a investigação hermenêutica, pois como observa Patricia Lavelle nas primeiras páginas do prefácio à edição brasileira de *Sobre a Tradução*: “O percurso filosófico de Paul Ricoeur, consagrado em grande parte à hermenêutica, da qual ele se tornou um dos principais expoentes na França, passa pela tradução de Husserl, apresentada como um dos requisitos necessários à obtenção do título de “Doutor de Estado” (p. 7).

Essa abordagem filosófica/hermenêutica percorre *Sobre a Tradução*, que é uma coletânea de três ensaios “redigidos no final dos anos 90 em contextos

diversos e publicados pela primeira vez em livro um ano antes da morte do autor” (p. 7). Na primeira parte, intitulada “Desafios e felicidade da tradução”, Ricoeur expõe alguns aspectos que considera obstáculos para a prática da tradução, e tenta traçar um caminho possível para se encontrar a “felicidade” no ato de traduzir. Ricoeur acredita que os desafios da tradução podem se resumir ao termo “prova”, no duplo sentido de “provação” e “exame”. Defende que, ao assumir um texto, o tradutor torna-se mediador entre o leitor destinatário da obra traduzida e tudo que envolve o estrangeiro – o livro, o autor e sua língua, colocando-se à prova. Para esclarecer o termo “prova”, ele sugere a revisão do texto “A tarefa do tradutor”, de Walter Benjamin, em confronto com as duas leituras da palavra “trabalho” quando Freud em um ensaio fala de “trabalho de lembrança” e “trabalho de luto”. Para explicar seu ponto de vista, Ricoeur coloca o texto de Freud em confronto com a tradutologia. O trabalho de lembrança e de lu-

to, segundo o autor, reside nessa troca que há entre o estrangeiro e o doméstico, na “desconfortável situação de mediador” (p. 22) em que o tradutor se coloca, tendo que servir a dois mestres: o estrangeiro em sua totalidade e o leitor da língua de chegada. Nesse ponto, o autor remete à máxima dicotômica de Schleiermacher, que decompôs este paradoxo nas frases “levar o leitor ao autor” e “levar o autor ao leitor”. Neste colocar-se à prova por parte do tradutor, aparece o desafio que Ricoeur coloca no cerne das dificuldades de traduzir: a resistência ao trabalho da tradução. Essa resistência se apresenta de duas maneiras. Primeiro, por parte do tradutor, que antes mesmo de começar seu trabalho já se depara com uma ideia de intraduzibilidade, como se a obra estrangeira se tornasse inatingível e toda tradução não fosse uma versão do texto, mas sim uma falsificação do original. Questões sobre como traduzir línguas com sintaxes diferentes, com outro ritmo, com um vocabulário totalmente distinto se colocam ao tradutor desde o

momento em que decide começar o trabalho. Segundo, aparece a resistência do leitor, que presume inferior o texto traduzido e tende a se distanciar do estrangeiro. Apesar das dificuldades que o tradutor encontra em seu percurso, Ricoeur vê um horizonte diferente tão logo a tradução começa. Os lapsos de intraduzibilidade que o tradutor encontra em meio ao texto, acabam se tornando motivações para buscar a melhor solução. Levando em consideração essas motivações, o autor francês consegue chegar à ideia de felicidade na tradução, que se resume no abandonar o desejo da tradução perfeita. Ricoeur acredita que a felicidade em traduzir só se encontra no momento em que o tradutor aceita a distância entre o materno e o estrangeiro, assumindo a impossibilidade de um absoluto linguístico. Seria isso o “trabalho de luto” freudiano comparado à tradutologia. Assim, a felicidade está no que Ricoeur chama de “hospitalidade lingüística”, onde habitar a língua do outro, aceitando-a como diferente, é tão prazeroso quanto recebê-

-la no seio da língua materna.

No segundo texto, “O paradigma da tradução”, Ricoeur começa expondo dois modos como a tradução pode ser vista: como um meio de transferir uma mensagem verbal de uma língua para outra e como uma interpretação de todo o significante dessa mensagem na língua de origem. O autor reconhece que ambas as abordagens têm seu valor, a primeira por levar em conta a pluralidade e a diversidade das línguas, e a segunda por valorizar a compreensão num sentido mais amplo. No caso da segunda, Ricoeur apoia-se na ideia de George Steiner, presente no livro *Depois Babel*, de que “compreender é traduzir”. Partindo da primeira premissa, Ricoeur explica que a diversidade das línguas na perspectiva da tradução pode ser encarada de dois modos diversos. Ou existe uma heterogeneidade radical que torna essa tarefa impossível tornando, assim, as línguas intraduzíveis umas nas outras, ou a tradução é fato e um meio de encontrar um fundo comum nas línguas, uma

pista de uma língua originária, universal (ideia que alude ao mito de Babel). Em ambas as formas de encarar a tradução existe uma necessidade, uma utilidade no ato de traduzir. Ricoeur, todavia, acredita que haja algo ainda mais forte: o desejo de traduzir. Esse desejo é capaz de alargar os horizontes da própria língua, e até mesmo descobrir nela lugares ainda não explorados. Ao propor uma troca do paradigma *traduzível x intraduzível*, por *fidelidade x traição*, o autor explora a questão do julgamento crítico das traduções, uma vez que acredita que não seja possível a existência de um critério absoluto de avaliação que defina o que é uma boa tradução. Por isso, a única maneira de criticar uma obra traduzida é propor uma nova tradução que se presuma melhor. Segundo ele, aqui aparece o “trabalho de luto” de Freud comparado à tradutologia, já que traduzir é renunciar a ideia de que possa existir uma tradução perfeita, mas somente uma “equivalência presumida” (p. 47). Por fim, o autor conclui que apesar de toda a problemá-

tica que envolve a tradução, sua inclinação é continuar apoiando “a entrada pela porta do estrangeiro” (p. 55).

Na ensaio final do livro, intitulado “Uma ‘Passagem’ – Traduzir o Intraduzível”, Ricoeur percorre o caminho do intraduzível. Ao apresentar três possibilidades de aparição do “intraduzível”, o autor resume as dificuldades da tradução expostas anteriormente. A primeira trata da pluralidade linguística, que sugere uma heterogeneidade radical, defendendo que as línguas “(...) não são diferentes apenas pela sua maneira de recortar o real, mas também pelo modo de o recompor no âmbito do discurso (...)” (p. 60). Isso leva o autor a afirmar que a tarefa do tradutor não vai da palavra à frase, mas parte de uma imersão na cultura, para assim, chegar à palavra. A segunda possibilidade fala da incontornável diferença entre o próprio e o estrangeiro, na qual Ricoeur sugere que traduzir é “construir o comparável” entre as línguas, transformando o estrangeiro em algo atingível, atra-

vés de uma apropriação criadora por parte da língua de chegada. A ideia de construção do comparável remete ao conceito de “choque do incomparável”, proposto por Marcel Déttiene em seu livro *Comparar o incomparável*. Por fim, a terceira possibilidade diz respeito ao sentido. O autor francês acredita que traduzir apenas o sentido é uma forma de renegar toda uma aquisição semiótica que une sonoridade, ritmo, espaçamento, etc. Neste ponto, retoma Antoine Berman, que defendeu a tradução da *letra* como solução tradutória.

Podemos afirmar que as reflexões de Paul Ricoeur são encorajadoras, pois, ao mesmo tempo em que enumera diferentes dificuldades relacionadas ao ofício de traduzir, em momento algum as coloca como obstáculo, ou como impossibilidade de traduzir. Desmistificando a ideia da tradução perfeita, o autor tira do tradutor o peso da fidelidade absoluta e quebra a tensão do início

da tradução: a suposta intraduzibilidade. Nesse sentido, o texto de Ricoeur além de ser muito útil para os tradutores é também importante para os pesquisadores em tradução, apresentando reflexões originais e dialogando com algumas das mais significativas teorias da tradução. Ademais, em todas as suas reflexões há uma valorização do ato de traduzir, já que é uma forma de ampliar os horizontes da língua, de acolher o estrangeiro e ainda de enriquecer a própria cultura.

Andréia Guerini

Universidade Federal de Santa  
Catarina

Andréia Riconi/CNPq

Universidade Federal de Santa  
Catarina

Recebido em 03/01/2014

Aceito em 08/04/2014